

Andrés Pociña Pérez, Aurora López, Carlos Ferreira Morais, Maria de Fátima Silva and Patrick Finglass (eds.), *Portraits of Medea in Portugal during the 20th and 21st Centuries*. Series: Metaforms; Volume: 14. Leides-Boston, Brill, 2018, 304 pp.: ISBN: 978-90-04-38339-5. DOI: [https://doi.org/ 10.1163/9789004383395](https://doi.org/10.1163/9789004383395)

MARIA FERNANDA BRASETE¹ (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

O livro em epígrafe cativa-nos de imediato pela beleza gráfica da capa que, num *design* elegante em puro vermelho, reproduz uma fotografia belíssima, da autoria de Margarida Maria Oliveira Dias, como ilustração da representação da *Medeia*, de Eurípides, que decorreu entre maio e junho de 2006, no Teatro Nacional D. Maria de Lisboa.

Nos últimos anos, os estudos de receção do teatro greco-latino têm-nos surpreendido com um número muito significativos de publicações, de qualidade indiscutível, também por mérito do empenho louvável do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH) da Universidade de Coimbra, em divulgar, nos planos nacional e internacional, a investigação produzida no domínio dos estudos clássicos. Em 2017, surgiu a edição de uma coletânea de ensaios sobre as “Antígonas” portuguesas², também sob a chancela desta prestigiada coleção da editora Brill Academic Pub. E na sequência desse meritório trabalho, que tem reunido especialistas portugueses e estrangeiros, aparece, agora, esta coletânea de ensaios dedicados à figura mítica de Medeia, uma das personagens mais controversas e complexas, desde a representação da peça euripidiana nas Grandes Dionisíacas de 431 a.C. até aos nossos dias.

Logo na “Introdução” do livro em epígrafe, os editores (Andrés Pociña Pérez, Aurora López, Carlos Ferreira Morais, Maria de Fátima Silva e Patrick Finglass) convidam o leitor a reconsiderar, a “plasticidade do velho mito” (pp. 1-4) para, de seguida, procederem a uma apresentação contextualizada (pp. 4-8) das obras e autores estudados nos oito ensaios, dedicados às reescritas do tema de Medeia na Literatura Portuguesa dos séculos XX e XXI.

¹ mbrasete@ua.pt.

² Em *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 20 (2018) 379-423, pode ler-se a recensão crítica sobre a obra intitulada *Portrayals of Antigone in Portugal: 20th and 21st Century Rewritings of the Antigone Myth*.

O livro encontra-se justamente dividido em duas partes: Parte 1 – *Main Sources* (pp.11-110); Parte 2 - *Portuguese Versions of Medea in the 20th and 21st Centuries* (pp.111-257).

A primeira parte da coletânea, composta por 5 ensaios, inicia-se por um estudo de síntese, muito rigoroso e oportuno, sobre a *Medeia* euripídica (“Euripides’ *Medea* in Context,” Capítulo1: pp. 11–20), de autoria do reputado classicista Patrick J. Finglass, e termina com um ensaio bem documentado que coloca em perspetiva alguns dos tópicos mais explorados na receção do mito em outras literaturas, assinado pela especialista italiana Rosanna Lauriola (“The Reception of *Medea* in the 20th and 21st Centuries”, Capítulo 6: pp. 87–110).

Mais quatro ensaios surgem nesta primeira parte do volume que trazem ao debate outras recriações do mito, seja da antiguidade greco-romana, seja de épocas mais recentes, que se inscrevem na profícua história da receção de uma temática mítica que não se cristalizou nos *topoi* do drama euripídico.

No Capítulo 2, Maria do Céu Fialho, apresenta um enquadramento bem fundamentado do carácter forte da princesa da Cólquida, a “maga enfeitada” que não resistiu à intensidade da paixão por Jasão, n’ *As Argonáuticas*, de Apolónio de Rodes. A sobreposição de diferentes versões do mito, fazendo jus ao gosto helenístico, produz, nas palavras da A., “um desafio estético” (p. 22), que resulta de uma miscigenação fecunda e inovadora das tradições homérica (*Odisseia*), lírica (*Pítica* 4, de Píndaro) e trágica (Eurípides).

No Capítulo 3 (“Versions of *Medea* in Classical Latin”, pp. 31–44), dois reconhecidos especialistas espanhóis nos estudos de receção do mito de *Medeia*, Andrés Pociña e Aurora López oferecem-nos, com notável rigor e qualidade, uma excelente reflexão sobre as diferentes versões latinas de *Medeia*. As questões trazidas à colação aparecem repartidas por quatro tópicos, organizados por um critério cronológico: as peças latinas fragmentárias sobre *Medeia* (pp.31-36); a *Medeia*, de Ovídio (pp.36-39); a tragédia homónima, de Séneca (pp. 39-44); e a finalizar, uma breve reflexão sobre a figura de *Medeia* na *Argonautica* de Gaio Valério Flaco (p.44).

No Capítulo 4 (“*Os encantos de Medeia* by António José da Silva: Comedy Version of a Tragic Theme (18th Century)”, pp. 45–64), Maria de Fátima Silva debruça-se sobre uma peça “aclamada” do teatro Português do

século XVIII: *Os encantos de Medeia*, de António José da Silva. A problemática desta peça, encenada no Teatro do Bairro Alto de Lisboa, em maio de 1735, incide numa recriação cômica, pautada pelo humor e pelo sarcasmo, do mito de Medeia, transmitido por uma tradição que não se esgotou nas fontes greco-latinas, como bem demonstra a Professora da Universidade de Coimbra. Depois de uma sucinta apresentação da peça setecentista, a A. orienta a sua análise para o domínio dos caracteres, começando pelo herói Jasão e os seus companheiros (“The Argonaut and His Companions”, pp.47-57) para depois se centrar na figura do “bárbaro”, enquanto opositor do herói, que se encontra representado nas personagens do general e ministro do rei de Colcos, Telémon, e na peculiar caracterização das personagens femininas: a jovem princesa Medeia e Créusa. Sacatrapo, o criado de Jasão, é objeto de uma pertinente reflexão crítica na parte final do ensaio (pp. 59-63).

A mesma A. assina o capítulo seguinte (“In Search of Lost Identity: Jean Anouilh’s *Medea*”, pp. 65–86), em que procede a uma análise rigorosa de uma das “Nouvelles Pièces Noires” (p.65) do dramaturgo francês Jean Anouilh que, em 1946, escreveu a sua *Medeia*. Os aspetos singulares desta rescrita do velho mito são objeto de uma reflexão crítica bem fundamentada, repartida por tópicos (“The Human Trajectory of a personality”; “The Treason”; “The Vengeance” – “The Plan”; “Medea Agon Before her Eternal Antagonist: Creon and Jason”; “The Execution”), por forma a facilitar a compreensão da temática em análise.

A Parte 2 (“Portuguese Versions of Medea in the 20th and 21st Centuries”, pp.111-257) constitui o núcleo central da obra e, por isso, ocupa um espaço superior à anterior. É composta por 8 ensaios sobre diferentes géneros de reescrita do mito de Medeia, por vários autores portugueses contemporâneos: Fiamá Hasse Pais Brandão, Eduarda Dionísio, Hélia Correia, Mário Cláudio, Carlos Jorge Pessoa e Sophia de Mello Breyner Andresen. Na sua riqueza temática, estes 8 ensaios oferecem ao leitor um conspecto bem ilustrativo da vitalidade que o mito de Medeia desfrutou na Literatura Portuguesa, ao longo dos séculos XX e XXI. Por limitações de espaço, e devido à amplitude das questões em análise nas peças em apreço, limitar-me-ei a tecer considerações gerais, de um modo muito mais breve do que cada um dos estudos merece.

A abrir a Parte 2, Ália Rodrigues (Capítulo 7: “Medea as an Aesthetic and Ethical Space in Fiamá’s Work”, pp. 113–122) concentra a sua análise no

romance *Sob o olhar de Medeia* (1998) de uma importante escritora contemporânea. Começa por fazer uma breve referência a Medeia enquanto “espaço estético” na História do Teatro, para salientar, de seguida, a presença de Medeia na obra de cariz metateatral, *Eu vi o Epidauro. Sobre o Teatro* (1990).

No Capítulo 8 (“A Portuguese Medea: Eduarda Dionísio, Antes que a noite venha (Before the Night Comes)”, pp.123–143), Maria de Fátima Silva dedica-se a um estudo circunstanciado dos três monólogos proferidos por Medeia (a Jasão, a si mesma, e ao público) numa peça que se afasta dos modelos convencionais, escrita pela dramaturga Eduarda Dionísio.

Os 3 Capítulos que se seguem são consagrados a uma das peças de inspiração clássica que fazem parte da obra dramaturgical da galardeada escritora portuguesa Hélia Correia. Os ensaios “Hélia Correia’s A de Cólquida (The Woman from Colchis)” (pp. 144–157), de Maria António Hörster e Maria de Fátima Silva, e “Language, Barbarism, and Civilization: Hélia Correia’s Desmesura (Excess)” (pp. 158–183), de Maria de Fátima Silva (2006), são dois estudos sobre a peça *Desmesura – Exercício sobre Medeia* (2006), em que as autoras debatem as grandes linhas estruturais e temáticas, sem descurarem os traços mais revelantes da caracterização das personagens. A atenção recai na qualidade de uma reescrita dramática profundamente inovadora que, apesar de se apoiar no hipotexto euripídiano, se pauta por uma recriação original do episódio coríntio da história da princesa da Cólquida. Já o estudo de Carlos Morais (“Measure in Hélia Correia’s Desmesura: an Exercise in Recreating Classical Rhythm”, pp. 184–199), se bem que incida também sobre a peça *Desmesura*, analisa as estratégias usadas por Hélia Correia para replicar a *stichomythia*, o *antilabe*, a cesura e, sobretudo, o sincopado trímetro iâmbico, este último uma estrutura métrica moldável ao ritmo da elocução dramática, mas também ao compasso das odes corais.

O Capítulo 12 oferece-nos uma leitura crítica da peça *Medeia*, de Mário Cláudio (“Medea in the Society of Entertainment: a Reading of Mário Cláudio’s *Medeia*”, pp. 200–215). As autoras deste ensaio, Maria António Hörster e Maria de Fátima Silva focam a sua atenção numa recriação de Medeia que, por via do metadrama e da citação, reconfigura a protagonista como uma atriz fracassada, vítima da falência das políticas cultural e teatral na sociedade portuguesa contemporânea.

No Capítulo 13, (“Revisiting Medea – Carlos Jorge Pessoa’s *Escrita da água: no rasto de Medeia* (Water Writing: In Medea’s Wake”, pp. 216–232), Susana Hora Marques detém-se numa reflexão crítica sobre uma peça do dramaturgo Carlos Jorge Pessoa, representada pela primeira vez, no teatro Rivoli, do Porto, em 1998. A história trágica da princesa colca é transposta para o seio de uma família contemporânea, em que se pressentem, contudo, alguns ecos da peça euripidiana. Como demonstra a A., esta peça portuguesa apenas segue o rasto de *Medeia* porque o foco incide na dimensão humana e familiar de uma história contemporânea em que o individualismo, o consumismo e a crise de valores deterioram as relações humanas e acabam por destruir também a célula *mater* da sociedade: a família.

Por último, no Capítulo 14 (“The Art of Translating a Classic: Author’s and Translator’s Marks”, pp. 233–257), Maria de Fátima Silva debruça-se sobre uma singular “tradução”, até há pouco tempo inédita, da *Medeia* de Eurípides, realizada por Sophia de Mello Breyner Andresen. Depois de uma breve reflexão sobre as dificuldades e os desafios que se impõem à tradução do drama grego clássico, a A. demonstra, através de uma análise subtil e circunstanciada, que esta *Recriação Poética da Tragédia de Eurípides* dá provas da sensibilidade poética de uma ‘tradutora’ que, mantendo-se sempre muito próxima do original, soube encontrar as melhores soluções para um entendimento mais profundo do antigo texto.

Na Conclusão (233–257), apresenta-se uma reflexão final sobre os ensaios integrados nesta obra dedicada às “Medeias” portuguesas, salientando-se que, em termos gerais, as diferentes peças estudadas recriam, reinterpretam e atualizam os principais *topoi* da tragédia euripidiana: “as facetas mágica, violenta e vingativa da heroína, o exílio e o desenraizamento cultural dos estrangeiros, e, mais importante ainda, a luta da mulher pelo reconhecimento do seu papel na sociedade” (p. 261).

A finalizar a obra, encontramos um “Apêndice” muito proveitoso que fornece uma tábua cronológica das recriações, edições e representações das diversas “Medeias” portuguesas. Depois da Bibliografia (pp. 270-88), convenientemente repartida em “Edições e traduções”, “Reescritas de *Medeia*” e “estudos”, surgem ainda três Índices de extrema utilidade para o leitor: o “Index Locorum”, o “Index of Modern Authors” e o “Index of Subjects”.

Embora não seja comum nas edições da Brill, creio que a inclusão de resumos/*abstracts* dos ensaios tornaria mais prática a consulta geral da obra, além de propiciar, na divulgação *online*, uma informação mais detalhada sobre cada um dos estudos.

Não restam quaisquer dúvidas de que o livro em recensão representa um notável contributo para o estudo da receção do mito de Medeia no teatro português, e ainda com a vantagem de se alargar ao vasto público de língua inglesa. Tornar-se-á, com toda a certeza, um instrumento de trabalho de referência no âmbito dos estudos de receção clássica e, esperamos, que constitua um estímulo para a prossecução de outros trabalhos de investigação e que dê continuidade a publicações de igual qualidade científica, um mérito indiscutível deste livro.

Abel N. Pena, *Eco e Narciso. Leituras de um mito*. Lisboa, Cotovia, 2017, 151 pp.: ISBN 978-972-795-382-0 ISBN 978-972-9376-45-0

MARIA FERNANDA BRASETE³ (*Universidade de Aveiro — Portugal*)

O livro em epígrafe, organizado pelo Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Abel N. Pena, e financiado pela FCT – Fundação para as Ciências e Tecnologia, no âmbito do projeto UID/ELT/00019/2013, visa dar continuidade a uma coleção iniciada com a publicação da obra *Hero e Leandro*, sob a égide do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa.

Percorrendo este volume, será sempre com proveito e, não raras vezes, com surpresa que o leitor poderá acompanhar, em tradução, uma compilação abundante de textos e excertos antigos sobre os mitos de Narciso e Eco, além de um número muito elevado de escritos de autores portugueses, desde o Renascimento até à contemporaneidade, e ainda de um poema da autoria do poeta Catalão Jordi Pàmias.

No “Prefácio” (pp. 9-14), assinado por Abel N. Pena, o propósito principal desta valiosa antologia fica claro: em primeiro lugar, dar a conhecer a um vasto público de leitores traduções originais em língua portuguesa de poemas sobre o mito Narciso e Eco, provenientes da Literatura Clássica, que “tanto tem marcado a cultura, a literatura e as diversas formas de expressão do imaginário ocidental” (p. 9); em segundo lugar, apresentar “duas anto-

³ mbrasete@ua.pt.